

Nu, o favorito não precisa sair para roupa feita

Villas-Bôas Corrêa

Entre as muitas singularidades que distinguem a disparada da candidatura de Fernando Collor de Mello nas pesquisas de tendência de voto, — confirmada pelo êxito dos primeiros comícios e a evidência da febre coletiva que se espalha por todo o país —, inclue-se uma que, daqui por diante, terá que ser administrada com extremo cuidado e competência: o favorito chega aos 32% da liderança absoluta praticamente nu, apenas com alguns farrapos cobrindo e colorindo o esboço de discurso de campanha e traçando os rabiscos do perfil a ser sustentado nos quase seis meses que nos separam das urnas do primeiro turno, a 15 de novembro.

Não é apenas a modéstia da biografia política, a registrar polêmica passagem pela prefeitura de Maceió; decorada atuação parlamentar no exercício de deputação federal e o governo de Alagoas que forneceu os *slogans* para a arancada, desde a bandeira da luta contra os *marajás* — atualização da vassoura janista como símbolo do combate à corrupção — até o atestado de coragem no enfrentamento aos usineiros acumpliciados com o *sindicato do crime*, que o protege da prometida ofensiva dos adversários, consensualmente entendidos na necessidade de desmontar o fenômeno e limpar o terreno ocupado por intruso.

Além da curta militância, exercitada à distância e em estado pobre, que não costuma frequentar o noticiário político, Fernando Collor de Mello atinge o perigoso pique com fantástica rapidez e sem compromissos na matalotagem da curta caminhada. Do programa da legenda criada para registro da sua candidatura — o desconhecido PRN — nada se sabe nem convém bisbilhotar. A rigor não se trata de um partido, mas de sigla de circunstância, montada às pressas para objetivo específico.

Sua assessoria cabe em apartamento de sala e quarto conjugado: quatro asmigos, recrutados ao acaso e que tapam os buracos com recursos de emergência.

Por sua vez, os pronunciamentos do

625 candidato também não acrescentam grande coisa, além da listagem de obviedades de aceitação unânime: a modernização da máquina do Estado, o enxugamento da burocracia, a moralização como norma inflexível com a punição dos ladrões.

Nenhum outro candidato que integra o grupo dos viáveis exibe a mesma disponibilidade. Ao contrário, quase todos se embaraçam nos constrangimentos das contradições. O doutor Ulysses, por exemplo, está mais enrolado que bobina. Dele se exige que se apresente como opositorista e com avançado discurso progressista. Ora, o doutor Ulysses é centrista matriculado no velho PSD e feitorou o governo do presidente José Sarney até que o barco começou a fazer água. Dele, entretanto, não desembarcou seus apaniguados, agarrados ao casco das mordomias.

O atarantado Luís Inácio Lula da Silva braceja nas águas rasas do seu dispositivo incontrolável: ele não manda no PT, que não manda na CUT, que manda nas greves. E ainda precisa atender à cobrança que encorpa das administrações petistas nas prefeituras conquistadas em 88.

Leonel Brizola poussa seu carisma na controvérsia, esgrima buscando sempre a iniciativa do ataque. Começou desancando Lula; agora cutuca Collor, instigando-o a uma polarização aparentemente vantajosa para ambos. Se pegar, garante a classificação dos dois para o segundo turno.

Fernando Collor de Mello é folha em branco. Ou quase. Pode escolher a rota de acordo com o rumo dos ventos que soprem no momento. Já arriscou alguns passos ousados, como a agressão ao SNI, que promete desativar; a recusa ao apoio dos remanescentes da *linha dura* e, na atitude mais atrevida, a promessa de fusão dos três ministérios militares no Ministério da Defesa, com a insinuação apimentada de que o ministro poderia ser um civil.

A campanha vai esquentando, exigindo definições, clareza nas posições. Deve ferver nos dois meses finais, com participação massificante do rádio e televisão, na rede nacional gratuita de propaganda eleitoral.

Até lá, na medida em que se sustente no surpreendente favoritismo, Collor de Mello terá que compor o guarda-roupa dos compromissos. Com vantagem inegável: não precisa recorrer à roupa feita. Pode dar-se ao luxo de encomendar ternos sob medida. A medida da conveniência.